



**09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020**

## **PRÁTICAS DE SUBJETIVAÇÃO DAS EX-ENCARCERADAS DO SISTEMA PRISIONAL FEMININO NO INTERIOR GOIANO**

### **SUBJECTIVATIVE PRACTICES OF EX-CHAIRS OF THE FEMALE PRISON SYSTEM IN INTERIOR GOIANO**

Gabriela Magalhães Sabino<sup>1</sup>  
Luana Alves Luterman<sup>2</sup>

#### **Resumo:**

Objetivamos, com este artigo, apresentar os resultados parciais de pesquisa sobre os processos de subjetivação de ex-presidiárias do interior goiano. Os enunciados das informantes são clivados por discursos que circulam a respeito do sistema carcerário feminino e revelam a ordem da dizibilidade sobre castigos, suplícios, saberes e poderes disciplinares. O *corpus* de pesquisa é composto por enunciados produzidos por egressas do interior do estado de Goiás e, no caso desta investigação, apresentamos a análise dos enunciados de duas informantes. Mobilizamos a fundamentação teórica da Análise de Discurso de linha francesa, que considera a relação indissociável entre língua, sujeito, contexto sócio-histórico e ideológico, além das considerações sobre os estudos foucaultianos acerca do cárcere, tais como: *Em Defesa da Sociedade* (1999), *Segurança Território e População* (2008), *Vigiar e Punir: nascimento das prisões* (2014a) e *A Ordem do Discurso* (2014b). A metodologia consiste na coleta de dados por uma pesquisa de campo realizada por meio de entrevista estruturada. Como resultados, percebemos que as práticas de si por meio da disciplinarização do corpo das mulheres que estiveram encarceradas são permeadas pela biopolítica, pelo poder pastoral e, simultaneamente, pelo biopoder, pois alguns depoimentos paradoxalmente demonstram a exigência do poder disciplinar, útil e dócil, não violento, na prisão. Assim, analisamos como funcionam a ética e a estética das existências das mulheres pesquisadas.

**Palavras-chave:** Práticas de subjetivação. Cárcere feminino. Disciplina.

#### **Abstract:**

We aim to present the partial results of research on the subjectivation processes of ex-convicts from the interior of Goiás. The informants' statements are cleaved by speeches that circulate about the female prison system and reveal the order of the sayability about punishments, tortures, knowledge and disciplinary powers. The research corpus consists of statements produced by graduates from the interior of the state of Goiás, and in the case of this investigation, we present the analysis of the statements of two informants. We mobilized the theoretical basis of Discourse Analysis of the French line, which considers the inseparable relationship between language, subject, socio-historical and ideological context, in addition to considerations about Foucault's studies on prison, such as: *In defense of society* (1999), *Territory and Population Security* (2008) and *Watch and Punish: Birth of Prisons* (2014a), *The Order of Discourse* (2014b). The methodology consists of data collection by

<sup>1</sup> Licenciada em Letras Português/Inglês e suas respectivas Literaturas (2019) pela mesma instituição, Câmpus Oeste. Mestranda no programa do POSLLI (Pós- Graduação Stricto Sensu em Língua, Literatura e Interculturalidade), no Câmpus Cora Coralina (Cidade de Goiás) - UEG. E-mail: [gabymagal15@outlook.com](mailto:gabymagal15@outlook.com).

<sup>2</sup> Pós-doutora em Letras e Linguística. É professora do POSLLI (Pós-Graduação Stricto Sensu em Língua, Literatura e Interculturalidade), no Câmpus Cora Coralina (Cidade de Goiás) - UEG. Email: [luanaluterman@yahoo.com.br](mailto:luanaluterman@yahoo.com.br).



**09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020**

field research carried out by structured interview. As a result, we realize that self-practices through disciplining the body of women who have been incarcerated are permeated by biopolitics, pastoral power and, simultaneously, biopower, as some statements paradoxically demonstrate the demand for disciplinary power, useful and docile, not violent, in prison. Thus, we analyze how ethics and aesthetics of the researched women exist.

**Keywords:** Subjectivation practices. Female prison. Subject.

## **Introdução**

O cárcere na contemporaneidade é um reflexo da construção histórica, dos suplícios, (tortura, danação, arrependimento) e, posteriormente, com o surgimento dos estabelecimentos penais e assim a privação da liberdade como pena. Para Foucault (2014a, p.73) “Que as penas sejam moderadas e proporcionais aos delitos, que a de morte só seja imputada contra os culpados assassinos, e sejam abolidos os suplícios que revoltam a humanidade”. Nesse sentido, a prisão foi pensada como uma instituição para sujeitos que tiveram uma conduta desviante, que ferisse o código moral de uma sociedade ou a constituição federal. A função da prisão era propiciar que esses indivíduos pudessem retornar à sociedade por meio da ressocialização. Segundo Foucault (2014a, p. 242):

A prisão, local de execução de pena, é ao mesmo tempo local de observação dos indivíduos punidos. Em dois sentidos, vigilância, é claro. Mas, também conhecimento de cada detento, de seu comportamento, de suas disposições profundas, de sua progressiva melhora: as prisões devem ser concebidas como um local de formação para um saber clínico sobre os condenados.

Logo, a prisão, além de vigiar, também dispõe de mecanismos disciplinares para formação de um saber clínico sobre esses apenados. Dessa forma, este artigo tem o intuito de abordar a respeito da realidade sobre os corpos dóceis e disciplinados pelo sistema carcerário feminino no interior goiano<sup>3</sup>. Pois percebemos que as temáticas envolvendo o cárcere não têm sido discutidas e problematizadas de forma suficiente e coerente, pois os discursos que circulam na sociedade são os legitimados pelos veículos de comunicação. Por isso, é necessário compreendermos os discursos por meio de enunciados das ex-presidiárias acerca dos processos de disciplinarização de seus corpos. Entendemos a importância de estudar esse *locus*, por meio dos estudos da linguagem. Para isso, será utilizada, como fundamentação teórica, a Análise do Discurso de linha francesa, além das obras primordiais do filósofo Michel Foucault para apoiarmos os relatos sobre o cárcere por meio da disciplina com os corpos docializados e adestrados, utilizando o mecanismo do panóptico apresentado na obra *Vigiar e Punir: nascimento das prisões* (2014a) e, além disso, buscamos problematizar também a questão do desejo e do poder, pela obra *Ordem do Discurso* (2014b), a respeito dos conceitos de biopoder e biopolítica, usa-se de *Segurança, Território e População* (2008) e sobre

---

<sup>3</sup> Intentamos estudar o cárcere feminino do interior goiano, por existirem poucas investigações sobre esse *locus* e pelo fato de se mostrar como um assunto relevante, mas que não tem sido discutido, e compreendermos o porquê isso tem ocorrido.



**09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020**

poder, direito e verdade, além de técnicas de disciplinarização dos corpos em *Em Defesa da Sociedade* (1999).

Prendemos, deste modo, responder aos seguintes questionamentos da investigação: Quem são essas mulheres? O que torna esses corpos dóceis? Como funciona o desejo de poder do/no cárcere? Por intermédio de discursos apresentados nos questionários, a partir de uma ordem discursiva presente nos ditos das duas egressas selecionadas do sistema prisional feminino do interior goiano.

Daya e Taystee<sup>4</sup> são as informantes dessa investigação, elas são egressas do sistema prisional feminino. Identificam-se como heterossexuais e pardas. Daya é mãe solo de três filhos e mora em Paraúna, cidade no interior do estado de Goiás. Já a segunda informante, Taystee, é mãe solo e viúva, e mora em Goiânia. Desse modo, nas próximas seções, serão discutidas questões sobre o corpos dóceis e disciplinados no cárcere com foco nos estudos foucaultianos para discorrer acerca de bases teórico-metodológicas para compreensão e análise dessas mulheres encarceradas, a partir de suas narrativas, e sobre a importância de dar voz a esse nicho social.

Portanto, trazemos uma reflexão sobre como esses corpos são subjetivados no cárcere, enfocando perspectivas de linguagem, por meio da Análise do Discurso, vinculadas às questões sociais com vistas a promover um espaço de escuta empática ao nicho social de que pouco – ou nada – se fala. Em outras palavras, atentar-se a um problema social emergente que é o encarceramento feminino e como esses corpos são alvos de poder, tornando-se corpos dóceis submetidos e utilizados por meio das práticas disciplinares a partir das narrativas de alguém que, de fato, vivencia/vivenciou as complexidades inerentes a esse *lócus* social.

Vale acrescentar que a proponente desta pesquisa teve o primeiro contato com essa temática na graduação e que se estendeu para a pesquisa dissertativa a partir do projeto de iniciação científica “A unidade prisional enquanto ‘*lócus* significativo’: uma abordagem discursiva”. Na perspectiva de um estudo com enfoque no gênero, direcionado às mulheres, é possível entender a importância de colocar em prática uma atitude que tem sido pouco usada pela sociedade, mas que é de suma necessidade de olhar e falar de corpos que não importam. Sobre isso, Butler (2019, p.63):

Não se trata de um jogo banal de palavras falar sobre *corpos que importam/corpos materiais* [*bodies that matter*] nesses contextos clássicos, pois ser material significa materializar, se compreendemos que o princípio dessa materialização é precisamente o que importa [*matters*] sobre aquele corpo e sua própria integridade.

Dessa maneira, para compreendermos o significado de algo, ou como e porque alguma coisa importa, temos que materializar e significar. Assim, utilizamos alguns excertos das entrevistas realizadas com as egressas do cárcere feminino do interior goiano que demonstraram uma contradição subjetiva em relação ao desejo de ser governada por aquele poder e, ao mesmo tempo, queriam admitir práticas de liberdade. Logo, apresentaram uma ética que não tinha relação com a cadeia e a

---

<sup>4</sup> Daya e Taystee são pseudônimos das participantes da entrevista para manterem o anonimato. Foram escolhidos esses nomes, pois a narrativa dessas egressas tem muita semelhança com as personagens da série norte-americana *Orange Is the New Black*, que foi baseada em uma obra chamada *Orange Is the New Black: My Year in a Women's Prison* (2010), memória criada por Piper Kerman, sobre suas experiências enquanto esteve presa.



**09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020**

(submissão). Em outras palavras, reclamavam da liberdade em excesso, de ficar limpando a cela por exemplo. E a ideia de se sentirem mal por estarem presas, porque o castigo era algo punitivo, por isso, entraram em contradição, pois elas queriam ser governadas e simultaneamente não queriam. Além disso, propomos problematizar as narrativas dessas mulheres (egressas) e suas práticas de liberdade/submissão a partir de um questionário estruturado, como também mapear e analisar a subjetividade dessas mulheres.

### **Fundamentação teórica**

#### **O processo de adestramento dos corpos dóceis: alguns apontamentos**

Para definirmos corpos dóceis, usaremos Foucault (2014a, p. 134) que diz: “É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado”, isto é, corpos que são manipuláveis e controlados no cárcere. Dessa forma, Foucault (2014a, p. 135) salienta que: “A disciplina fabrica, assim, corpos submissos e exercitados, corpos dóceis”. Sendo assim, a prisão possui essa função de fabricar corpos submissos, ou seja, dóceis durante o encarceramento e o pós-encarceramento. Foucault (2014a) pontua que desta maneira, por meio de técnicas minuciosas e íntimas, que influenciam no investimento político e detalhado do corpo, contribuindo para uma nova microfísica do poder. Consequentemente, falaremos da função da disciplina em relação ao cárcere. Para Brites (2007, p. 173):

A disciplina acelerou-se e mudou a sua escala, criou todo um conjunto de técnicas, um corpo de processos e de saberes, de descrições, de receitas e de dados. Só que, para que se exercesse eficazmente, a condição primeira era a da distribuição eficiente dos indivíduos no espaço: o encarceramento, numa cerca heterogênea, de vagabundos e miseráveis; os colégios com internato, segundo o modelo do convento; os quartéis, que fixavam o exército, evitando deserções e conflitos com as populações e autoridades civis; os hospitais, onde todos estes mecanismos tiveram início, por necessidade do controle e vigilância médica das doenças e perigo de contágios.

A disciplina no cárcere foi uma técnica que envolveu indivíduos em espaços cercados para conflitos na sociedade, sendo controlados e vigiados. Assim, as egressas foram tratadas enquanto estiveram nesse *locus*. Eram corpos que não eram bem vistos na sociedades e foram punidos, controlados e se tornaram, através da disciplina, corpos dóceis. Foucault (2014a) também nos apresentou o chamado quadriculamento, ou seja, cada indivíduo no seu lugar e em cada lugar um indivíduo. Desse modo, as egressas do cárcere foram dispostas em filas, em posições hierarquizadas, sendo vigiadas ao mesmo tempo de forma individual e em grupo nas suas celas.

Além disso, Brites (2007, p. 174) menciona, sobre a questão do tempo: “Outro aspecto importante da disciplina e docilidade dos corpos é o do tempo e do seu uso. A imposição e a sujeição a horários não tiveram grande dificuldade em se impor, porque se integravam nos antigos esquemas, na velha herança das comunidades monásticas”. Por isso, há o controle do tempo dentro dos estabelecimentos penais, porque, segundo Brites (2007), não se tratava apenas de cumprir horários.



**09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020**

Logo, outro aspecto era garantir a qualidade do tempo utilizado, por meio de um controle ininterrupto e da eliminação de tudo o que pudesse perturbar e distrair. Para Foucault (2014, p. 153): “O corpo, do qual se requer que seja dócil até em suas mínimas operações, opõe e mostra as condições de funcionamento próprias a um organismo. O poder disciplinar tem por correlato uma individualidade não só analítica e ‘celular’, mas também natural e ‘orgânica’”. Dessa forma, o corpo dócil é envolvido pelo poder disciplinar. De acordo com, Brites (2007) para que esse corpo fosse mais útil, eficiente e, até mesmo, produtivo era necessária uma combinação envolvendo a disciplina. Assim, para Foucault (2014a, p. 161): “O corpo singular torna-se um elemento que se pode colocar, mover, articular com outros [...], [constituindo-se] como peça de uma máquina multissegmentar”. Dessa forma, Michel Foucault (2014a) atribuiu à disciplina quatro características: é celular, é orgânica, é genética e é combinatória. E outras tantas funções: constrói quadros, prescreve manobras, impõe exercícios e organiza táticas.

Com o passar do tempo, foram se desenvolvendo técnicas de vigilância, olhares que viam sem ser vistos, verdadeiros observatórios da multiplicidade humana que almejavam um saber novo sobre o homem, através de técnicas e de processos que o submetessem e permitissem a sua utilização. A disciplina faz funcionar um poder relacional que se auto-sustenta pelos seus próprios mecanismos, um poder aparentemente menos corporal, mas cientificamente físico. Para além de uma microfísica, uma macrofísica do poder. Conforme Foucault (2014a, p. 185): “Na essência de todos os sistemas disciplinares funciona um pequeno mecanismo penal”. Para Brites (2007) o fundamental é que cada indivíduo compreendesse, em seu interior, e integrasse a função punitiva, de modo que se sentisse punidor e punível. Brites (2007, p. 177) menciona que a punição passa “então, a ser uma função formalizada como o são tratar, educar, disciplinar, fazer trabalhar, na prisão, no hospital, na escola, na caserna, na oficina”. Além disso, Brites (2007, p. 178) relata sobre as perspectivas de poder que Michel Foucault nos apresentou que eram:

[...] com duas perspectivas do poder: uma, social, da relação dos indivíduos com o Estado; outra, de formas de poder individual. Na primeira, os loucos, os pobres, os desempregados e deserdados de toda a espécie, são considerados problemas sociais que o Estado chama a si, assumindo a construção de hospitais, casas de trabalho, etc. Na segunda, é criado um conjunto de técnicas de poder orientadas para os indivíduos, que se destinam a dirigi-los de forma contínua e permanente. Nesta, pretendia-se que o poder, mesmo tendo uma multiplicidade de homens a geri-lo, fosse tão eficaz como se exercesse por um só, através de formas sofisticadas de controle social e psicológico, mais direcionadas para a mente que para o corpo, tendo em vista a moralização e a homogeneização da população em geral.

Desse modo, as perspectivas de poder que envolvem essa estrutura social ocorrem por meio de sujeitos esquecidos e invisíveis, que eram problemas sociais e foram colocados em lugares específicos, como a prisão. Além do mais, foram criadas técnicas de controle sobre esses corpos. Em nossa investigação, o cárcere foi o *lócus* escolhido para as egressas, que sofreram com o controle social e psicológico de suas vidas. Por conseguinte, Brites (2007, p. 178) afirma que “a instituição prisional, vai-se consolidando a ideia de que a supervisão e a intervenção no domínio social são a principal característica das sociedades modernas”. Portanto, compreendemos que esses corpos são



**09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020**

vigiados e envolvidos na instituição prisional para serem controlados para uma possível volta à sociedade por meio dessa reinserção social. Vale então discorrer que, na próxima seção, será exposto o mecanismo de controle sobre esses corpos chamado de panoptismo, e que Foucault apresenta o funcionamento desse mecanismo em sua obra *Vigiar e Punir: nascimento das prisões* (2014a).

### **O panoptismo: algumas considerações**

Em uma sociedade as relações sociais têm características que atuam por meio do poder sob os sujeitos. Para Foucault (2014a), é necessária a vigilância individual e o controle sobre os corpos e, por fim, o processo de adestramento e de correção, que ocorreu com as egressas do cárcere. Brites (2007, p. 178) aponta como se deu o surgimento do panoptismo:

Foi quando estudava as origens da medicina clínica e a arquitetura hospitalar da segunda metade do séc. XVIII, época do grande movimento de reforma das instituições médicas, que MF descobriu o Panóptico do jurista inglês Jeremy Bentham. A arquitetura começara a espacializar-se, a articular-se com os problemas da população, da saúde, do urbanismo, e os médicos tiveram nisso uma participação social considerável, desempenhando um papel de organizadores do espaço (foram, juntamente com os militares, os primeiros administradores do espaço colectivo).

Dessa forma, utilizaremos a definição de panóptico para a nossa investigação sobre as egressas do cárcere. Para Foucault (2014a, p. 194): “O dispositivo panóptico organiza unidades espaciais que permitem ver sem parar e reconhecer imediatamente [...]. Cada um, em seu lugar, está bem trancado em sua cela de onde é visto de frente pelo vigia”. Assim, Foucault (2014a) afirma que o efeito primordial do panóptico é a sensação de vigilância, ou seja, induzir ao apenado a consciência de visibilidade por meio do controle e do poder. Segundo Foucault (2014a, p. 195) “O Panóptico é uma máquina de dissociar o par ver-ser visto: no anel periférico, se é totalmente visto, sem nunca ver; na torre central, vê-se tudo, sem nunca ser visto”. À vista disso, a cela seria um exemplo de sujeitos trancados que são vigiados e controlados. Foucault (2014a) expõe o Panoptismo como a possibilidade de visualizar tudo de forma ampla e concisa com um único olhar. Brites (2007, p. 178) afirma que:

[...] como uma imagem de um novo sistema prisional mas como o paradigma do esquema geral de funcionamento do poder no mundo moderno. No projecto arquitectónico do Panóptico identifica os elementos constituintes fundamentais desse poder: a centralização, a moralização, a eficácia e, de todos o mais relevante, a individualização. Em suma, a estrutura unilateral e monolítica do poder dos nossos dias: centralizado, anónimo, disseminado e altamente eficaz. Quando um único observador, como sucede no Panóptico, posicionado numa torre central, vigia a totalidade dos indivíduos, isolados e separados entre si, estes, porque não têm acesso ao acto de vigilância a que estão sujeitos, interiorizam o sentimento de permanente observação e são levados a transformar-se nos agentes mais zelosos da sua própria vigilância, bem como nos da vigilância dos outros. Em cada camarada, um vigia, podia bem ser o lema. O mero dispositivo geométrico e arquitectónico faz cada indivíduo interiorizar os constrangimentos que lhe chegam do exterior, sob a forma



**09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020**

de um controle meticuloso, tanto do seu corpo como da sua mente. Era um poder omnipresente, omnividente e ubíquo.

De acordo com Foucault (2014a), entendemos o panóptico como uma máquina que possui técnicas de controle, que modifica os comportamentos dos indivíduos. Nesse aspecto, vale acrescentar que Foucault (2014a, p. 198) discorre sobre o panóptico:

O Panóptico é um local privilegiado para tornar possível a experiência com homens, e para analisar com toda certeza as transformações que se pode obter neles. O Panóptico pode até se constituir em aparelho de controle sobre seus próprios mecanismos.[...] O Panóptico funciona como uma espécie de laboratório de poder. O panóptico a contrário deve ser compreendido como um modelo generalizável de funcionamento; uma maneira de definir suas relações do poder com a vida cotidiana dos homens.

Pelo descrito, percebemos como funcionam os mecanismos de observação do panóptico por meio do comportamento frente ao poder, ou seja, é um sistema arquitetural e óptico. Para Foucault (2014a, p. 199):

É polivalente em suas aplicações: serve para emendar os prisioneiros, mas também para cuidar dos doentes, instruir os escolares, guardar os loucos, fiscalizar os operários, fazer trabalhar os mendigos e ociosos. É um tipo de implantação dos corpos no espaço, de distribuição dos indivíduos em relação mútua, de organização hierárquica, de disposição dos centros e dos canais de poder, de definição de seus instrumentos e de modos de intervenção, que se podem utilizar nos hospitais, nas oficinas, nas escolas, nas prisões.

Assim, percebemos, por meio da citação acima, o tratamento com a multiplicidade de indivíduos, por meio da rotina, das atividades, do comportamento, dessa forma, sempre estará presente o esquema panóptico. Para Brites (2007, p. 179):

[...] uma das ideias principais de Vigiar e Punir é, precisamente, a de que as sociedades modernas podem ser definidas como sociedades disciplinares, mas que a disciplina não pode ser identificada com uma instituição ou com um aparelho. É, antes, um tipo de poder, uma tecnologia que atravessa toda a espécie de aparelhos e de instituições para os ligar uns aos outros, os prolongar, os fazer convergir, os obrigar a exercerem-se de um modo novo. Isto, ainda que se trate de peças ou de engrenagens que pertençam ao Estado de uma forma tão evidente como a polícia e a prisão.

À vista disso, compreendemos que o processo da formação da sociedade disciplinar está ligada a um certo número de amplos processos históricos, ou seja, no interior dos quais ela tem lugar: em relações econômicas, jurídico-políticas e científicas. Para Foucault, as sociedades modernas são, também, um pouco, sociedades totalitárias. Portanto, a concepção sobre a ideia do panóptico à



**09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020**

sociedade moderna, demonstra que os indivíduos são selecionados, ou mesmo escolhidos e categorizados rigorosamente por instituições sociais, porém nosso objeto de investigação é a prisão, que foca em particularidades e caracterizam cada um, mas para melhor controlá-los. O saber/poder conduz tanto a um maior entendimento quanto a um maior controle.

## **Metodologia**

Para este artigo, a coleta de dados foi feita a partir de duas entrevistas orais estruturadas realizadas com duas informantes que são egressas do sistema prisional feminino goiano. A primeira tem vinte e cinco anos, com ensino fundamental incompleto, autodeclarada heterossexual e parda, que sempre residiu em bairros periféricos, em cidades do interior do Estado de Goiás. Atualmente reside em Paraúna. Já a segunda informante tem quarenta e seis anos, com ensino médio completo e curso técnico, autodeclarada heterossexual e parda, que reside em Goiânia. Foi solicitado que as participantes assinassem um termo de consentimento livre e esclarecido. O foco dessa investigação é compreender a constituição subjetiva das narrativas dessas mulheres por meio das suas práticas de liberdade/submissão. Isto se justifica pelo fato de que não existem muitas pesquisas sobre essa temática, justamente por ser uma comunidade invisível para a sociedade, principalmente quando nos referimos à subjetividade desses corpos dóceis e disciplinados. Pois, durante o encarceramento elas já são ocultas e quando entram no pós-carcere sofrem o preconceito da sociedade por serem ex-presidiárias, carregam e sentem essa dor. Mas é interessante perceber como essas mulheres apresentam a relação de desejo de ser governada por aquele poder e, ao mesmo tempo, querem admitir práticas de liberdade. Aspectos importantes do contexto se apresentarão, de forma que, foi considerada uma entrevista que se trata da subjetividade, ou seja, de algo inesperado, desse modo, reclamavam da liberdade em excesso, de ficar limpando a cela por exemplo. E se sentiam mal por estarem presas, porque o castigo era algo punitivo. Por isso, entraram em contradição, pois elas querem ser governadas e ao mesmo tempo não querem.

Trazendo em conta esses aspectos, a abordagem da pesquisa foi qualitativa, ou seja, tem base em um estudo de caso no caráter subjetivo usando as narrativas orais das participantes. Para assim compreender o objeto da nossa pesquisa, o funcionamento do cárcere/adestramento dos corpos e suas resistências, através da prática discursiva, por meio do instrumento que é uma coleta de dados da narrativa, com material gravado, para registrar e investigar as particularidades das informantes. Em suma, entender os motivos, opiniões, motivações subjacentes a respeito desses corpos dóceis e disciplinados que se contradizem em suas narrativas.

O modo da coleta é composto pelo questionário estruturado, dividido em cinco momentos. Porém iremos fazer um recorte de alguns exercetos que consideramos primordiais para essa análise e se encontram no quarto momento, *Subjetivação das ex-presidiárias durante o cárcere* (como se considerava reeducanda ou encarcerada, atividades no cárcere, a infraestrutura do presídio, os direitos humanos, experiência/rotina de uma mulher presa). Com as seguintes perguntas: 21- *Enquanto estava presa, você se considerava reeducanda ou encarcerada? Por quê?*, 22- *Como você se sentia em relação à condição de encarcerada?*, 29- *Como você foi tratada na unidade prisional? Acredita que havia cumprimento aos direitos humanos, com tratamento adequado relacionados à higiene, respeito dos agentes prisionais e outros funcionários vinculados à Polícia Civil, espaço suficiente para*



**09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020**

*trafegar nas celas, separação entre homens e mulheres, cuidado com a alimentação e atenção a possíveis desentendimentos entre as encarceradas etc.?* e 36- *Relate a experiência/rotina de ser uma mulher presa. Como foi? O que você fazia?*. As respostas a essas perguntas serão a base para se compreender as práticas de liberdade/submissão das egressas. A análise será feita de acordo com as questões pontuais acerca da subjetividade de Daya e Taystee. Em relação à natureza e fonte de dados deste trabalho, são recortes e excertos de fala feitos a partir da transcrição da gravação com os relatos das participantes.

### **Análise dos dados parciais**

Como citado anteriormente, o objetivo deste trabalho é apresentar e compreender a constituição subjetiva das narrativas dessas mulheres por meio das suas práticas de liberdade/submissão. Nesse seguimento, esse estudo propõe a análise dos excertos das entrevistas realizadas com duas egressas do cárcere feminino do interior goiano, a respeito da subjetividade delas enquanto estavam encarceradas. Os estudos da análise de discurso e obras foucaultianas, especialmente *Vigiar e Punir: nascimento das prisões* (2014a), mas utilizaremos também, em nossa análise, outras obras basilares tais como: *Em Defesa da Sociedade* (1999), *Segurança, Território, População* (2008) e *A Ordem do Discurso* (2014b), para problematizar (liberdade em excesso X e o fato de estarem presas). Além disso, como funciona o desejo de poder no/do cárcere por meio do bipoder e da biopolítica. Para compreender o conceito de bipoder, usaremos a obra *Segurança, Território, População* (2008). Para Foucault (2008, p. 3):

Bipoder [...] conjunto dos mecanismos pelos quais aquilo que, na espécie humana, constitui suas características biológicas fundamentais vai poder entrar numa política, numa estratégia política, numa estratégia geral de poder. Em outras palavras, como a sociedade, as sociedades ocidentais modernas, a partir do século XVIII, voltaram a levar em canto o fato biológico fundamental de que o ser humano constitui uma espécie humana. É em linhas gerais o que chamo, o que chamei, para lhe dar um nome, de biopoder. Então, antes de mais nada, um certo número de proposições, por assim dizer, proposições no sentido de indicações de opção: não são nem princípios, nem regras, nem teoremas

Desse modo, percebemos que o bipoder é um conjunto de mecanismos que se fazem presentes no cárcere e conseqüentemente na vida dessas egressas. Além disso, vale acrescentar as considerações sobre a ação do bipoder e o domínio da biopolítica nos processos de individualização dos sujeitos que ocorrem com as egressas. Para Brites (2007, p. 179-180):

Tornaram-se [...] simultaneamente produto e instrumento da acção do biopoder, já que são elas que intervêm sobre os corpos por processos de individualização sempre mais sofisticados, acutilantes e penetrantes, da mesma forma que são elas que disponibilizam as imensas técnicas de pesquisa e de registo de dados sobre os indivíduos, os seus corpos, as suas vidas, as suas paixões. São um efeito não visível da nova forma subtil do poder que, imperceptivelmente, opera ao nível dos hábitos



**09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020**

inculcados e das normas de vida quotidiana, tanto dos grupos sociais como dos indivíduos isolados. São os dispositivos eleitos por um poder que mobiliza e põe em prática novos instrumentos científicos de cálculo, estatística, medida, generalização, abstracção, destinados ao conhecimento dos corpos humanos, e que permitem que o controle e a dominação se tornem cada dia mais eficazes [...]. É o domínio da biopolítica, a ideia da sociedade disciplinar enquanto panoptismo generalizado. Então, o processo civilizacional culmina nas organizações votadas à dominação, que têm o poder de controlar e de regular inteiramente a vida social. A estabilidade das sociedades altamente desenvolvidas não é senão o resultado de operações reguladoras, conduzidas por organizações de uma grande perfeição administrativa, que se manifestam por meio do exercício da disciplina e do controle, por meio da manipulação e da domesticação, no espaço de vida de cada indivíduo, para fazer dele um colaborador social dócil.

Logo, assimilamos que essas técnicas de controle, por meio dos dispositivos envolvidos de poder, permitem o controle e dominam os corpos das mulheres encarceradas, ou seja, nossas informantes, através dessas ações, sofrem com a regulamentação da suas vidas pela disciplina com os corpos dóceis. Para ilustrar essa fundamentação teórica, iremos apresentar alguns excertos do questionário com as perguntas realizadas às egressas do cárcere. Esse recorte foi feito no quarto momento da entrevista, com perguntas de subjetividade em relação ao período que estavam encarceradas. *Enquanto estava presa, você se considerava reeducanda ou encarcerada? Por quê?*

(1) Daya: (momento de reflexão com a pergunta) eu vejo os dois motivos, uma que eu tava aprendendo que ... mesmo que não era minha a droga se eu viesse a fazer alguma coisas assim futuramente era aquilo ali que era a minha realidade e ... mim reeducando eu acho que me mostrou a vida com outros olhos.

É indubitável mencionar que a egressa apresenta um momento de reflexão, que para Foucault (1999, p. 29) “não o próprio mecanismo da relação entre poder, direito e verdade, mas a intensidade da relação e sua constância, [...] somos forçados a produzir a verdade pelo poder que exige essa verdade e que necessita dela para funcionar, temos de dizer a verdade [...]”. Dessa forma, percebemos que a informante se sente coagida a refletir sobre a sua condição, ou seja, ela entende que foi condenada e acaba confessando que sua verdade é se sentir encarcerada, porque se cometer algo ilícito será presa, e reeducanda é como um corpo que está sendo docilizado naquele *lócus*. Já em relação a segunda informante foi apresentado a seguinte resposta:

(2) Taystee: Encarcerada, porque reeducanda, você tem a instrução daquilo, pra tá naquilo ali, você está instruída, explicada e porque eu tava sendo encarcerada? Porque eu era jogada naquele lugar ali, que nem um bicho, sem nenhum direito de perguntar de falar nada, de achar de nada, tem direito a nada. Nunca senti que estava aprendendo nada ali, nunca.

No que tange a resposta da segunda egressa, é possível perceber a distinção da primeira, porque ela se vê como alguém que está encarcerada, porque ela foi jogada no cárcere sem condições



**09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020**

humanas, controlada para ter um corpo socializado e disciplinado. A respeito disso, Foucault (1999, p. 297) salienta:

Uma técnica que é centrada no corpo, produz efeitos individualizantes, manipula o corpo como foco de forças que é preciso tornar úteis e dóceis ao mesmo tempo. E, de outro lado, temos uma tecnologia que, por sua vez, é centrada não no corpo, mas na vida; uma tecnologia que agrupa os efeitos de massas próprios de uma população.

No que diz respeito à resposta da egressa acima, é válido pontuar sobre as técnicas e efeitos que manipularam seu corpo para tornar sua apenas útil e dócil ao sistema. Diferente de reeducanda, como ela explica, porque para se ver como reeducanda, ela deveria ter sido instruída, informada, mas, na verdade, ela menciona que nunca aprendeu nada ali, isto é, só foi controlada pelos dispositivos e mecanismos disciplinares do cárcere. A próxima pergunta é: *Como você se sentia em relação à condição de encarcerada?*

(3) Daya: Ah, não é bom não, é horrível hh (ela sorri) ainda mais por causa dos meus filhos, e era uma coisa que não era minha, eu tava pagando pelo erro, estou pagando pelo erro que não fui eu que cometi, foi erro de outras pessoas deu azar de tá junto e aconteceu.

No que se diz respeito ao comentário acima, a egressa estava pagando por um erro que não havia cometido. Isso é algo relevante a ser apontado, pois diversas mulheres estão presas nesse momento por algum erro de justiça. Porém, por conta de todo o sistema, continuam encarceradas independentemente de serem mães ou não. Assim, Foucault (2008, p. 8) [...] afirma que:

[...] criar uma lei e estabelecer uma punição para os que a infringem, e o sistema do código legal com divisão binária entre o permitido e o proibido, e um acoplamento, que é precisamente no que consiste o código, o acoplamento entre um tipo de ação proibida e um tipo de punição. É portanto o mecanismo legal ou jurídico.

Dessa forma, compreendemos que esse mecanismo legal ou jurídico estabeleceu uma punição, pois, segundo o sistema do código legal entre o permitido e o proibido, ela estava em um carro no qual haviam drogas e foi acusada de uma ação proibida, tendo um tipo de punição, ser presa. Sobre a outra egressa, ela afirma que:

(4) Taystee: Injustiçada, injustiçada, nunca tava sendo ouvida, nunca fui ouvida, injustiçada.

Por meio da fala da informante fica evidente, desde a primeira vez, como ela disse que se sentia injustiçada, e ela reforça essa palavra. Isso porque ela não sentia que era ouvida, ela não tinha voz, pois essas mulheres, que fazem parte desse nicho social, não têm a oportunidade de falar. Para Foucault (2014b), infelizmente até hoje, existem procedimentos de exclusão na nossa sociedade, um deles é a interdição. Entendemos que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, mas as encarceradas não podem dizer nada, elas afirmam que perderam



**09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020**

esse direito quando foram algemadas e levadas para o cárcere. De acordo com Foucault (2014b, p. 9-10): “Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e o poder”. Para Foucault (2008, p. 8):

É o mecanismo disciplinar que vai se caracterizar pelo fato de que dentro do sistema binário do código aparece um terceiro personagem, que é o culpado, e ao mesmo tempo, fora, além do ato legislativo que cria a lei e do ato judicial que pune o culpado, aparece toda uma série de técnicas adjacentes, policiais, médicas, psicológicas, que são do domínio da vigilância, do diagnóstico, da eventual transformação dos indivíduos.

Nesse sentido, esse mecanismo disciplinar caracterizou a egressa como culpada, que precisava ser punida por meio de técnicas disciplinares e a vigilância para uma possível transformação desse indivíduo, o que, na verdade, só gerou um sentimento de injustiça na ex-apidada. Nessa perspectiva, a respeito da pergunta seguinte, será tratada a subjetividade das egressas em relação ao tratamento dado a elas no cárcere, sobre os cumprimentos de direitos básicos. *Como você foi tratada na unidade prisional? Acredita que havia cumprimento aos direitos humanos, com tratamento adequado relacionados à higiene, respeito dos agentes prisionais e outros funcionários vinculados à Polícia Civil, espaço suficiente para trafegar nas celas, separação entre homens e mulheres, cuidado com a alimentação e atenção a possíveis desentendimentos entre as encarceradas etc.?*

(5) Daya: Na Civil, é ... aspecto higiênico não tinha, é [...] , o espaço era pequeno não tinha como se movimentar, não tinha banho de sol, então você ficava dia e noite dentro da mesma cela. A comida era horrível, era um arroz que era ao mesmo tempo mole ao mesmo tempo duro, era um feijão preto e uma carne todo dia, e ... não tinha gosto de comida, não era coisa de pessoa comer, hh, enfim no presídio já era mais tranquilo, o cardápio era mais diferenciado, tinha um arroz, tinha uma salada, tinha um macarrão, tinha um feijão, caldinho tudo mais, tinha carne e todo dia tinha um cardápio variado, então não era aquela coisa repetida, espaço tinha. Em relação aos guardas, depois que a gente entra, depois que a gente é algemado, a gente perde todos os direitos, ACABOU, eu vi isso, quando eu entrei na Civil, quando cê ta ali algemado cê perde TUDO lá fora, cê não tem direito de abrir a boca mais, cê tem direito de abaixar a sua cabeça e só. Então no presídio foi mais tranquilo por lá era mulher, era todas elas eram mulheres, um só guarda que ficava na portaria, então o convívio era mais fácil. Em relação aos pessoais que trabalha lá, os policiais, então ... eu tive as duas VISTAS, tive a vista RUIM e tive a vista digamos BOA, né..

No que diz respeito ao relato da egressa foi possível compreender como os corpos são adestrados no cárcere, por meio das técnicas disciplinares impostas em todos os âmbitos, desde o momento da prisão, como a alimentação e o tratamento dado a essas mulheres. Foucault (2008, p. 12) diz que:

[...] a técnica celular, a detenção em celas é uma técnica disciplinar.[...] Vocês fazem então a história dessa técnica celular (isto é, [a história de] seus deslocamentos, [de]



**09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020**

sua utilização), vêm a partir de que momento a técnica celular, a disciplina celular é empregada no sistema penal comum, que conflitos ela suscita, como ela regride. [...].

Como exposto acima, essa técnica celular, já se inicia nas celas, como uma técnica disciplinar, como a egressa Daya relatou em sua resposta acima, um espaço pequeno e nada higiênico, que ela ficava diariamente sem direito à saída. Por isso, é válido mencionar a respeito das questões de espaço, Foucault (2008, p. 15-16) discorre que: “Poderíamos dizer, a primeira vista e de uma maneira um tanto esquemática: a soberania exercendo limites de um território, a disciplina se exerce sobre o corpo dos indivíduos [...]. Limites do território, corpo dos indivíduos, [...]”. Logo, por meio da ilustração dessa citação, compreendemos como existe um esquema que envolve a soberania sobre os corpos dessas mulheres por meio da disciplina e do território. Nessa perspectiva, Taystee, nossa segunda informante, respondeu da seguinte maneira a pergunta acima:

(6) Taystee: Cuidado com alimentação? nenhuma. Contato com outras encarceradas? 100% não tive problema com ninguém. Agente, nem posso te falar que teve convívio, porque eles não querem ter convívio com a gente, eles trata a gente como animal. A última diretora agora, aqui tá lá o dia que eu sai, eu falei pra ela, a senhora tá no cargo errado, mas eu gosto. Mas, pois é, a senhora está no cargo errado. A senhora não é humana. Ela ri quando tem câmeras filmando, quando não tem ela nem olha na nossa cara. Ela tem nojo, só que ela tá mexendo com vidas, com seres humanos. Por errado que seja, ela tem que ter esse discernimento, e que a pessoa tá ali porque fez algo errado, e tá pagando. E não deixou de ser um ser humano. Sobre as brigas, nos mesmos separamos, a gente não deixa eles interferir nisso.

Em relação a este excerto, fica evidente que, como no outro mencionado acima, são feitos apontamentos fundamentais da egressa em relação à falta de consideração às condições básicas no cárcere, como não ter o cuidado com a alimentação e como realmente ocorre o relacionamento dos agentes penitenciários com as encarceradas. Por isso, Foucault (2008, p. 27) afirma que: “Os dispositivos de segurança trabalham, criam, organizam, planejam um meio antes mesmo da noção ter sido formada e isolada”. Quanto à pergunta abaixo, as egressas relaram como foi a experiência de estar na prisão: *Relate a experiência/rotina de ser uma mulher presa. Como foi? O que você fazia?*

(7) Daya: Na Civil eu só fiquei na cela, conversava com as meninas, tentava distrair a cabeça, lia uma Bíblia que a outra menina que tava comigo, ela tava com uma Bíblia dentro do carro. O agente deixou ela levar pra dentro da cela, e a gente lia e tudo mais. E no presídio tinha mais gente na cela, tinha sete mulheres numa cela só, então a gente jogava baralho, a gente brincava, ao mesmo a gente dormia, porque não tem muita coisa a se fazer. O horário de banho de sol da gente era uma hora, de meio dia até uma hora. Então é esse prazo de uma hora, cê tinha que lavar roupa na mão, cê tinha que estender, cê tinha que limpar a cela, tinha que deixar tudo organizado, cê só ia sair no banho de sol, e só ia sair no outro dia, cê tem o banho de sol, que na mesma. Vamos supor que isso aqui é uma cela (ela explica como funciona o banho de sol) é no mesmo quadradinho, tem a grade tudo, fecha a cela, tem a onde faz, cê faz as, a lavagem de roupa que é no tanque tudo na mão. Mas cê fica ali dentro



**09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020**

daquela CELA O DIA INTEIRO, cê tem uma hora só pra sair dela, de dentro dela. E isso é uma vez no dia, e lá como eu fui pra lá, eu fiquei no castigo, esse CASTIGO, você fica um mês nele, aonde eu tava, para depois passar para o convívio, que o convívio o espaço é maior, cê fica o dia inteiro fora, só entra na hora que horário de visita da onde que eu tava e a noite, que eles fecham todas as celas. Lá esse castigo ele funciona, é um mês. Cê fica em análise, durante esse um mês, o juiz vai analisar seu processo, vai analisar o que o seu advogado disse e se dentro desse um mês, não conseguiu sair, aí você vai para o convívio, lá vai ser mais demorado, porque aí já tem os outras pessoas que tão em andamento, e aí você fica mais no esquecimento.

Por meio da fala da primeira egressa, é possível perceber as práticas de liberdade e submissão dentro do cárcere, nas quais ela foi envolvida por meio das poucas atividades que realizava, e por dizer que não tinha muita coisa pra fazer. Há a necessidade de ser governada, de executar atividades, mas, ao mesmo tempo, de reclamar por ficar na cela o tempo todo. Para Foucault (2008, p. 60):

[...] mecanismo disciplinar também codifica perpetuamente em permitido e proibido, ou melhor, em obrigatório e proibido, ou seja, o ponto sobre o qual um mecanismo disciplinar incide são menos as coisas a não fazer do que as coisas a fazer. Uma boa disciplina é o que lhes diz a cada instante o que vocês devem fazer.

Compreendemos que esse mecanismo disciplinar controla esses corpos, como o da egressa que vive nas práticas de submissão, mas que almeja a liberdade. Por meio dele, ela sabe das coisas que tem que fazer, mas ao mesmo tempo reclama por estar ali. É um corpo que está sendo disciplinado. Além disso, Foucault (2014b, p. 8) afirma que:

[...] inquietação diante dessa existência transitória destinada a se apagar sem dúvida, mas segundo uma duração que não nos pertence; inquietação de sentir sob essa atividade, todavia cotidiana e cinzenta, poderes e perigos que mal se imagina: inquietação de supor lutas, vitórias, ferimentos, dominações, servidões, através de tantas palavras cujo uso há tanto tempo reduziu as asperidades.

Desse modo, entendemos que, por meio do comentário da egressa, é notável a inquietação diante desse processo de encarceramento, de docilidade-utilidade desse corpo que está sendo adestrado. Uma rotina que muitas vezes demonstra ociosidade e dominação desse corpo preso cheio de violações, ferimentos e servidão. Vale acrescentar o depoimento da outra egressa sobre a sua rotina no presídio:

(8) Taystee: Eu saia cedo, ia pra indústria, trabalhava, voltava na hora do almoço, ficava quarenta minutos, aí eles vinha pegava nós de novo. Trabalhava até às quatro, e a gente voltava tinha que apanhar roupa do arame, a gente voltava correndo, tudo muito rápido, porque às 17 horas a gente era trancada. Pra quem trabalha não tem banho de sol, não dá tempo. Quem não trabalha é por conta de comportamento, porque não qualificou no serviço, não deu conta do serviço.



**09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020**

Logo, o relato de Taystee tem certa semelhança ao observado no de Daya, quando abordamos a questão da disciplina, do rigor no cumprimento de horários e a realização das atividades. Mas ela também vive sob um mecanismo disciplinar, tendo seu corpo controlado e submisso. Mesmo que Taystee saísse para a indústria e isso pudesse ser uma prática de liberdade, ela ainda estava sendo vigiada, controlada e tinha seu corpo esquadrihado. Para Foucault (2008, p. 6-7):

De um lado, por toda uma série de vigilâncias, controles, olhares, esquadrihamentos diversos que permitem descobrir, antes mesmo de o ladrão roubar, se ele vai roubar, etc. E, de outro lado, na outra extremidade, a punição não é simplesmente esse momento espetacular, definitivo, do enforcamento, da multa ou do desterró, mas será uma prática como o encarceramento, impondo ao culpado toda série de exercícios, de trabalhos, trabalho de transformação na forma, simplesmente, do se chama de técnicas penitenciárias, trabalho obrigatório, moralização, correção, etc.

Por isto, é possível compreender o sentimento dessas mulheres, que estão em um *lócus* sendo punidas, por meio dessa prática do encarceramento, sendo submetidas a essas atividades e tendo seus corpos vigiados e controlados a todo custo. Cabe aqui mencionar sobre o desejo de poder do cárcere. Foucault (2014b, p. 19):

[...] o que está em jogo, senão o desejo e o poder? O discurso verdadeiro, que a necessidade de sua forma liberta do desejo e liberta do poder, não pode reconhecer a vontade de verdade que o atravessa; e a vontade de verdade, essa que se impõe a nós há bastante tempo, é tal que a verdade que ela quer não pode deixar de máscará-la.

Assim, compreendemos, segundo Foucault (2014b), que essa maquinaria do poder está destinada à exclusão de todos aqueles que procuram contornar essa vontade verdade, ou seja, repensar ou ressignificar a questão de poderes e de verdade. Como reflexão final, cabe aqui discorrer acerca da necessidade de dar voz a essas mulheres, que são mais do que corpos dóceis e disciplinados pelo cárcere. Para Foucault (2014b, p. 20):

Existem, evidentemente, muitos outros procedimentos de controle e de delimitação do discurso. Aqueles de que falei até agora se exercem de certo modo do exterior; funcionam como sistemas de exclusão; concernem, sem dúvida, à parte do discurso que põe em jogo o poder e o desejo.[...] visto que são os discursos eles mesmos que exercem seu próprio controle [...].

Dessa forma, é necessário mencionar o questionamento de Foucault (2014b, p. 8) acerca da produção do discurso: “Mas, o que há, enfim, de tão perigoso no fato de as pessoas falarem e de seus discursos proliferarem indefinidamente? Onde afinal, está o perigo?”. Esse perigo se dá pelo desejo e poder no cárcere e suas relações discursivas com esses corpos. De acordo com Foucault (2014, p. 7-8) “[...] a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade”.



**09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020**

## Considerações finais

Nesta investigação, focalizamos as práticas de docilidade e processos disciplinares sobre os corpos encarcerados que, para Foucault (2014a), são controlados de forma constante e minuciosa, sendo sujeitados a uma relação de “docilidade-utilidade”. Mais precisamente, interessamo-nos em analisar os discursos de egressas do cárcere feminino do interior goiano, quando foram incitadas a falar sobre sua perspectiva em relação a todo o processo de encarceramento, ou seja, de mecanismos que controlaram esses corpos.

A relevância deste artigo que ora propusemos consiste no fato de que, ao darmos voz para essas mulheres, intentávamos contribuir com uma reflexão sobre uma temática que envolve um preconceito enraizado, já que, para a sociedade, as práticas discursivas dessas mulheres não é algo relevante, pois são invisíveis e apagadas, o que realmente é feito com essas mulheres nada mais é do que um controle sobre seus corpos. Para Foucault (2014b) as coerções do discurso vão limitar os poderes e dominar e selecionar os sujeitos que falam.

O que compreendemos da pesquisa realizada é que muitos são os resquícios das práticas de docilização nos corpos dessas mulheres, com ênfase na organização do espaço e no controle do tempo. Outro ponto que foi evidenciado é a forte manifestação das práticas de liberdade/submissão na situação atual do cárcere. Deu-se maior relevo aos discursos que falam da subjetividade dessas egressas, sobre o fato de estarem presas, mas se sentirem ociosas. Além disso, mencionamos também o poder pastoral, que segundo Foucault (2008), é definido por meio do seu bem-fazer, é um poder de cuidado. Ainda, podemos afirmar que o poder pastoral é uma ideia de poder que exerce uma multiplicidade em um território, no caso desta investigação, o cárcere, mas também pela forma como são tratadas a partir do momento que são algemadas. Para Bultler (2019), tentar fundamentar, ou até mesmo verificar, as ofensas e violações, leva à compreensão de que a própria matéria se funda em outras violações, que ocorrem de forma inconsciente e repetida na contemporaneidade.

Por fim, é necessário dizermos que o poder disciplinar que envolve esse corpos docilizados, controlando-os e produzindo sujeitos adestrados, mas que, diferente de ser reeducandos, sentem-se literalmente encarcerados. Esses apontamentos são constitutivos do cárcere, de ontem e hoje. Entretanto, é essencial lembrar que atrás daquelas grades, mais do que corpos controlados, manipuláveis e adestrados, existem vidas, seres humanos, mães e filhas. Assim, o poder coexiste necessariamente com pontos de resistência, nas práticas de liberdade, ou seja, na submissão, que busca caminhos para trabalhar a questão da disciplina. Dar voz a essas mulheres, nessa investigação, já representa resistência ao poder e acreditamos que podemos contribuir com a ressocialização das egressas, porque, como Foucault (2014b), ocorre de algum poder, que vem de nós e somente nós podemos fazer com que o poder seja usado para a real mudança da sociedade.

## Referências

BRITES, Isabel. A centralidade de Vigiar e Punir. História da violência nas prisões, na obra de Michel Foucault. **Rev. Lusófona de Educação** [online]. 2007, n.10, pp.167-184. ISSN 1645-7250.



**09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020**

BUTLER, Judith. **Corpos que importam:** os limites discursivos do “sexo”. Tradução de Verônica Daminielli Yago Françolli. São Paulo. N-1 edições. Crocodilo Edições, 2019.

FOUCAULT. M. **A ordem do discurso.** 12. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

\_\_\_\_\_. **Em defesa da sociedade:** curso no Collège de France (1975-1976). Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999. (Coleção Tópicos).

\_\_\_\_\_. **Segurança, território, população:** curso dado no Collège de France. edição estabelecida por Michel Senellart sob a direção de François Ewald e Alessandro Fontana; tradução Eduardo Brandão; revisão da tradução Claudia Berliner. – São Paulo : Martins Fontes, 2008.- (Coleção tópicos).

\_\_\_\_\_. **Vigiar e punir:** história da violência nas prisões. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.

PEDROSO, Vanessa Alexandra de Melo; JARDIM, Carlos Jair de Oliveira. O castigo Abstrato e o Castigo Concreto: eficácia da estrutura da crueldade institucional pela ausência do direito. **Revista Sequência.** Florianópolis, n.81, p.202-225, abr. 2019. Disponível em:<<http://scielo.br/pdf/seq/n81/2177-7055-seq-81-202.pdf>>. Acesso em: 6 jan. 2021.